

## **Marcelo Dias - Transcrição longa editada**

Mônica Francisco

Marcelo, seja bem-vindo.

Marcelo Dias

Tudo bem, minha querida? Obrigada pelo convite. Um prazer estar aqui com você.

Mônica Francisco

Prazer nosso, a gente está super feliz de fazer essa entrevista com você. A gente sabe que vai ouvir bastante história. Hoje você é uma grande referência para gente na luta e na defesa dos direitos do povo negro no Brasil e aqui no estado do Rio de Janeiro, na cidade do Rio de Janeiro. Marcelo, eu queria que você falasse um pouquinho como é que era a vida na Vila Cruzeiro quando você era criança.

Marcelo Dias

Bem, eu nasci em 1960, no hospital Getúlio Vargas. Minha filha mais velha também nasceu no hospital Getúlio Vargas, na Penha, e eu morei na Vila Cruzeiro até 1990, durante 30 anos e eu continuo morando no bairro. Moro há 63 anos no bairro da Penha e a minha infância foi uma infância muito bacana.

Porque naquela época não tinha a violência que tem hoje. Essa guerra insana que existe hoje, fruto da política racista que foi gestada nos Estados Unidos na década de 1970. Do século passado, a famosa guerra das drogas se transformou no inferno para os moradores de favelas, moradores de territórios.

Marcelo Dias

Excluído, marginalizado, a baixada, zona Oeste. Então não tinha nada disso na década de 1960, 1970, né? Da minha, na minha, no meu período de criança, de adolescente, e a gente tinha muito amigo, fazia muita farra, muita bagunça. Estudávamos em escola pública e a rapaziada que hoje a gente pode chamar. Que é ligada ao tráfico? É. Não se metia com as crianças, muito pelo contrário.

Marcelo Dias

Eu tenho uma lembrança de quando eu tinha uns 13/14 anos. Eu estava sentado no campo do orde, era umas 9 e meia da noite, 10 horas da noite, e a rapaziada passou. Uma rapaziada com 19/20 anos e botou a gente para correr, vai para casa que se não é hora de criança, está na rua. Então era assim naquela época, né? O pessoal que tinha lá a sua pendência com a justiça tinha... Uma política de proteção das crianças.

Mônica Francisco

Como é que era a brincadeira?

Mônica Francisco

Marcelo criança com os meninos e meninas, como é que era o seu dia? Como é que era a brincadeira? A infância da Vila Cruzeiro nessa Vila Cruzeiro que você tá?

Marcelo Dias

Lembrando depois da escola, né, porque meu pai e minha mãe eram tinham pouco estudo, mas eles fizeram questão de que os 8 filhos, 4 homem e 4 mulher, estudassem. Né? Então depois da escola eu ia encontrar com os garotos pra soltar pipa, bola de gude, carniça. Então é pique esconde.

Não tinha celular, não tinha essa parafernália tecnológica que as crianças hoje têm. A gente. Eu morava assim, numa casa que tinha um barranco imenso. E uma das grandes brincadeiras que eu tinha era de ficar fazendo estrada naquele morro, naquele barranco, fazendo estrada, passar carrinho. Então meu pai trabalhava no na DLU, né? No Departamento da Limpeza Urbana, que depois virou Comlurb, né? Ele era o que a gente chama hoje de gari. Era lixeiro, não, era gari e era alfaiate também. Então meu pai era muito rígido conosco.

Marcelo Dias

Ele queria que os filhos estudassem e essa rigidez dele deu frutos, porque dos 8 filhos criados ali, nascido e criado na Vila Cruzeiro 5, tem curso superior. Eu tenho um irmão que é psicólogo. Lá em Brasília, se reformou pelo corpo de bombeiro. Eu sou advogado, apesar de não ser advogado militante. Eu não atuo, mas eu tenho uma irmã... Que se aposentou na UFRJ, ela era responsável pelo arquivo da universidade. Tem outra que se aposentou como professora, lá em Recife, que ela é casada com militar do exército, né? Então, ela morou no Paraná, morou no Acre, morou em Minas e nos últimos 20 anos tá morando em Pernambuco, ali, numa cidade vizinha, do lado de Olinda. E tem o Marcos Marcos Dias, que me acompanha em tudo... que foi o primeiro a se formar, né? No curso superior, ele foi estudar na faetec. É uma escola técnica aqui em São Cristóvão, não sei se é faetec ou Celso covo. E era um excelente aluno e teve uma professora que ajudou ele a entrar na universidade, uma universidade ali em Cascadura, que os donos são negros. E o meu irmão se formou em engenharia e eu acho que ele foi o primeiro engenheiro a se reformar na Vila Cruzeiro e logo depois ele entrou para light e trabalhou na light durante 25 anos como engenheiro. E depois da privatização ele fez prova para a Petrobras... Passou. Ficou lá um bom tempo, 7 ou 8 anos, fez prova para agência nacional do petróleo, passou, e hoje trabalha na agência nacional do petróleo. O outro, Mauro, foi técnico de manutenção no metrô, foi meu chefe lá no metrô. E as 2 mais novas não tem curso superior.

Marcelo Dias

Tem 2 episódios que marcou muito a minha vida, que foi... Quando terminei, tinha 15/16 anos, eu estava terminando o primeiro grau, era o primeiro grau que se falava que estudava até a sétima, a oitava, a nona série, né? A nona era admissão, não era isso, tinha admissão para ir para o segundo grau. Então terminei o primeiro grau científico isso, e eu descia, saía lá do morro da cascadinha, que é um morro do lado da Vila Cruzeiro.

Marcelo Dias

Passava pelo campo do ordem para estudar num lá embaixo, Na Na escola Gomes Freire. Todo dia eu descia com meu uniformezinho e uma vez eu tava lá no campo do orde, eu e uns 8/9 colegas. Aí o sargento Rubens, que era um manda chuva, né?

Marcelo Dias

Ali do DPO. Aí o sargento Rubens passou perfilou, todos nós assim no paredão e falou assim, você apontou para mim, você sai.

Marcelo Dias

Que você estuda todo dia. Eu vejo você passando aqui para ir para o colégio. Agora, esses vagabundo aqui aí, com aquela mãozona que ele tinha, ele deu uma tapa que saiu pegando no rosto de todo mundo.

Marcelo Dias

E desses colegas muito foram assassinados ou por.

Monica Francisco

Ele, como é que isso? Qual foi o efeito que isso teve em você, essa cena?

Mônica Francisco

Você tinha quantos anos?

Marcelo Dias

Eu tinha 16 anos. Eu tava no primeiro ano do segundo grau, né? 16/17 anos.

Marcelo Dias

Estudava também no senai. Isso me marcou muito, porque ficou na minha cabeça e se eu não estudasse eu também seria um que seria ganhado...

Marcelo Dias

Um tabefe na cara dos policiais e eu fui salvo por ser um estudante.

Marcelo Dias

E ele respeitou a minha condição de estudante. Então isso me marcou muito. E o que a segunda coisa que me marcou foi com meus melhores amigos.

Marcelo Dias

Nós éramos um grupo de 7/8 amigos, inclusive um deles é o pai da Ana, que gosta muito de você. Desses 8 amigos... 9. Só eu e um outro que sobrevivemos. Somos sobreviventes.

Marcelo Dias

Porque os outros 7 foram todos assassinados, entre eles ou pela polícia. Inclusive o pai da Ana foi assassinado muito novo, né? Não devia ter 30 anos de idade.

Marcelo Dias

O Jorge, meu amigo. Então a vida na favela tem um lado bom, mas também tem esse lado trágico. Um lado trágico que persiste até hoje.

Marcelo Dias

E piorou porque naquela época, como eu digo, lá no complexo da Penha, tinha um grupo que dominava a venda de droga na Vila Cruzeiro, tinha outro grupo que dominava no parque proletário, tinha outro grupo que dominava no Caracol, na chatuba. Então, cada favela tinha um grupinho. Não é isso que é hoje, que é o monopólio...

Marcelo Dias

De uma facção que domina todo o complexo, que é aliada de outros complexos, que virou essa essa situação que tá difícil da gente mudar, né? Vai ter que ter uma política muito, uma política de segurança pública muito assertiva, uma política cidadã, uma política de segurança que se espelhe no que aconteceu em Cali e na Colômbia.

Marcelo Dias

Em outros países, para a gente reverter essa situação que joga a nossa Juventude negra é em massa, né? Nos presídio, no cárcere e servindo de mão de obra barata, mão de obra descartável, para um grupo maior, poderoso. Então é como eu.

Marcelo Dias

Como eu disse, a educação, é tudo. A educação salvou a minha família. EE, nós precisamos, nós que chegamos até aqui na nossa idade, os 40/50, 60 anos que viemos dessa, dessa comunidade, não queremos sair dessa comunidade.

Marcelo Dias

Eu tenho orgulho de estar sempre dentro das favelas. Sábado passado eu estava na Rocinha.

Marcelo Dias

Sábado retrasado eu tava lá no campo do ordem, na Vila Cruzeiro. Eu eu IA na maré numa reunião lá com com um grupo de negros e negras da maré. Há algum tempo atrás não fui porque a polícia estava fazendo operação.

Marcelo Dias

Uma operação é violenta dentro da maré e foi desmarcado. É um grupo que também não é rede das pretas.

Marcelo Dias

Porquê rede das pretas é aquela casa lá da Lapa onde a Marielle fez a sua última casa das

pretas. Lá não sei se a casa das pretas, alguma coisa assim na maré. Então fui convidado.

Marcelo Dias

Eu iria com o maior prazer, porque eu gosto de ir onde está o povo preto, excluído e marginalizado, e o povo preto está onde? Está dentro desses territórios, está dentro das favelas. Agora, mesmo vindo para cá, eu li no G1.

Marcelo Dias

Que o IBGE vai voltar depois de 50 anos, vai voltar a chamar esses territórios de favela, que era agrupamento subnormal, inventava um Monte de nomes. E nós fizemos essa discussão lá na Rocinha, sábado passado, né? Nós não somos comunidade, nós somos favelados.

Marcelo Dias

Isso aqui é uma favela. A gente tem que ter orgulho de morar na favela. Nós temos que ter a favela como algo positivo, algo bom e não algo negativo.

Mônica Francisco

Perfeito, me diz uma coisa, você falou desses 2 episódios?

Mônica Francisco

Que impactaram você muito, te fizeram pensar o quanto a educação te salvou, salvou seus irmãos, sua família. Mas quando isso faz com que você se organize coletivamente no movimento negro, organizado. O que que te leva? Qual é o evento, como você vai?

Mônica Francisco

Porque?

Marcelo Dias

Essa é a parte mais importante da minha trajetória. Eu falei sobre isso sábado na Rocinha, e já dei vários depoimentos sobre esse episódio, que foi assim. Um episódio que foi um divisor de águas, e eu adquiri uma consciência racial com 16 anos de idade.

Marcelo Dias

É, eu estudava no colégio...

Marcelo Dias

Coronel Assunção em Olaria, no pé do morro da merendiba, que é uma comunidade vizinha a Vila Cruzeiro, onde eu morava e a professora de português tinha o hábito de uma vez por mês, de 2 vezes por mês, mensalmente ou bimestralmente. Ela pedia que os alunos fossem dar uma aula lá na frente.

Marcelo Dias

Né? sobre um tema que eles conheceram, que eles vivenciaram. E chegou a minha vez de

apresentar a minha aula.

Marcelo Dias

Aí eu terminou, terminou a aula, eu passei na banca de jornal e li a manchete do jornal do Brasil, que naquela época, 1976, tinha 77, tinha

Marcelo Dias

O jornal do Brasil impresso, né? Não é como é hoje, que é só online. E lá a manchete estava: Governo da África do Sul massacra mais de 1000 jovens negros.

Marcelo Dias

Eu não tinha dinheiro, corri para casa. Meu pai estava em casa naquele dia. Eu falei, pai, compra o jornal do Brasil para mim.

Marcelo Dias

Aí meu pai, Ah, eu não posso sair daqui. Eu estava lá Na Na máquina de costura, toma o dinheiro, vai lá e compra. Aí eu fui lá.

Marcelo Dias

Dei sorte que era o último jornal, né? Comprei o jornal, lia a matéria e o que que a matéria dizia? A África do Sul vivia sobre o regime do apartheid, que vigorou a de 1940 até a libertação do Mandela em 90/91.

Marcelo Dias

E o governo da África do Sul, que era dirigido pelo regime do apartheid. Eles tinham como língua oficial o africander, que é uma língua que é uma mistura de holandês com inglês. O partido que tava no governo e os seus dirigentes falava africander

Marcelo Dias

Falavam inglês também.

Marcelo Dias

Mas a língua oficial era o africander, o inglês e a África do Sul tem 11 línguas maternas, tem o Zulu, tem o choça, que é a língua do Mandela, o Zulu, que é a língua do do atual presidente da África do Sul em Bedelli, e mais 8. São 11 línguas. E eles queriam obrigar a Juventude, os estudantes, a estudar no africander.

Marcelo Dias

E eles não queriam estudar no africander. Eles queriam estudar o quê?

Marcelo Dias

Na sua língua materna e no inglês, porque? Porque a rodésia, o atual Zimbabwe naquela época era rodésia.

Marcelo Dias

Em homenagem ao Rod. O colonizador, o assassino inglês. A Zâmbia, vizinha da África do Sul, falava inglês, a Nigéria falava inglês.

Marcelo Dias

Vários países da África foram colonizados pela Inglaterra e falavam inglês.

Marcelo Dias

Os Estados Unidos falam inglês, a Jamaica fala inglês, a Inglaterra. E eles falaram, se nós aprendermos o inglês, nós vamos nos conectar, nós vamos conversar com o mundo e o africano vai ficar restrito a África do Sul.

Marcelo Dias

E eles começaram a fazer manifestações, começaram a fazer passeatas. E o exército da África do Sul, o exército do apartheid, o exército racista, foi para a rua.

Marcelo Dias

E fuzilou essa garotada. Fuzilou essa garotada. E eu falei sobre isso na aula.

Marcelo Dias

E o meu melhor amigo, meu melhor amigo, a gente era colado. O Cláudio, branco, gritou lá do da do final da sala, lá do fundo, onde a gente ficava.

Marcelo Dias

A gente era da turma que ficava lá sentado na última cadeira, a turma da bagunça, não sei como é que a gente passava.

Marcelo Dias

Turma do fundo.

Marcelo Dias

E o Cláudio gritou, mas preto tem que morrer mesmo! Aquilo... Eu fui para casa, sentei e falei, não, isso não...

Marcelo Dias

Eu não ouvi isso do meu melhor amigo. E a partir dali eu me aproximei do partido comunista brasileiro.

Marcelo Dias

Eu frequentava a Imperatriz leopoldinense, toda molecada da Vila Cruzeiro frequentava a Imperatriz leopoldinense, que é pertinho, né, Vila Cruzeiro para para ramos. A gente IA andando, não tinha dinheiro para ônibus. E o departamento cultural da Imperatriz

leopoldinense era dirigido pelo PCB e tinha uma negrada do caramba ali Na Na, na nova Brasília, naqueles conjuntos.

Marcelo Dias

Em frente a nova Brasília, o Zizo, Conceição, Joana, uma família negra numerosa, tinha 9 ou 10 irmãos. Todos estudaram, a maioria se formaram o curso superior. E essa garotada, Zizo é 10 anos mais velho do que eu, eu tinha 16 e Zizo tinha 26.

Marcelo Dias

Já era formado, já era sociólogo. E aquele cabelão black?

Marcelo Dias

O meu cabelo era era baixinho, baixinho que a gente tinha vergonha de usar o cabelo black como o seu. E aquele cabelão, né? Inspirado lá no movimento black Power dos Estados Unidos.

Marcelo Dias

Aí aquele cara começou a conversar comigo. Eu contei essa história para eles. Aí começou a mostrar falar de Agostinho Neto.

Marcelo Dias

Eu nunca tinha ouvido falar em Agostinho Neto, falou em Mandela, falou em Steve Biko.

Marcelo Dias

E eu fui me empolgando. Entrei para um grupo de teatro de jovens negros que a Imperatriz organizava.

Marcelo Dias

E quem era que organizava essa? Esse grupo de teatro, os comunistas do PCD. Eu me lembro que a gente ia ali para o para o aterro, a gente ia para lá para ler o manifesto comunista e a gente fazia apresentação de peça de teatro.

Marcelo Dias

A desculpa que a gente tinha para estar todo mundo ali reunido, garotada. Então esse episódio da África do Sul moldou a minha consciência racial e a minha relação com o PCB moldou a minha consciência de classe.

Marcelo Dias

Tanto é que eu tenho 41 anos de PT e o PT tem 42 e durante um ano a galera do PT...

Marcelo Dias

Ficou tentando me ganhar porque eles sabiam, pô, um moleque, um jovem de 18/19 anos, né? Eu já estava com 18/19 anos, quando o PT foi fundado, que acompanhava as greves.

Marcelo Dias

Eu era metalúrgico e como eu disse antes, eu me formei, estudei no senai, fiz ajustagem, ajustador mecânico, depois fiz ferramentaria, torneiaria, fresaria. Então eu trabalhava numa numa fábrica...

Marcelo Dias

Metalúrgica ali em Bom Sucesso, do lado da maré, uma fábrica que tinha ali, a FI. Então eu era metalúrgico. Aí o pessoal, pô, o cara é favelado, metalúrgico tem uma consciência racial. A gente tem que trazer para o PT.

Marcelo Dias

Eu resisti durante um ano, porque a ditadura tinha falado que esses, da turma do PCB...

Marcelo Dias

PT / PDT / PTB tinham sido frutos da ditadura, né? Que esses partidos foram criados a partir de um desejo da ditadura militar. E eu falei, não, não vou para esse partido.

Marcelo Dias

Eu vou ficar aqui no comunismo. Nós somos os verdadeiros representantes da classe trabalhadora. Até que o Jaruzelski deu golpe no solidariedade lá na Polônia.

Marcelo Dias

Tinha o solidariedade, que organizava a luta da classe operária na Polônia, e o Lech Wałęsa era a grande liderança, né? Era um Lula polonês. Depois ele se aliou com a CIA, traiu a classe trabalhadora e eu tinha uma consciência de classe vinda do PCB.

Marcelo Dias

Tinha uma paixão muito grande pelo solidarnosc...

Marcelo Dias

Pelo solidariedade. E quando o Jaruzelski, o ditador da Polônia, secretário geral do partido comunista polonês, dá o golpe? Eu falei, não, não tem condição de ficar no PCB, que estava apoiando o golpe do Jaruzelski contra a classe operária polonesa.

Marcelo Dias

E foi aí que eu rompo, saio do PCB. Aceito a ir para PT com o PT já com 1 ano de de formação, mas eu vou para o PT para uma organização...

Marcelo Dias

Que veio da clandestinidade, uma organização trotskista que eu militei durante 12 anos e depois, enfim, eu estou aí. Fui deputado por 2 anos. Então a África do Sul, a relação com o continente africano é muito presente na minha vida e eu na década de 80, né?

Marcelo Dias

É já militando no movimento negro, em organizações negras, em grupos negros. A gente fez várias manifestações.

Marcelo Dias

Em defesa de Mandela e eu fui é brindado. Eu eu tive um brinde, né? Algo que os céus, né?...

Marcelo Dias

Os orixás me deram de presente, que quando o Mandela esteve aqui no Rio de Janeiro, eu tive a oportunidade de me encontrar com ele...

Marcelo Dias

E também com o Winnie Mandela, tem uma foto que eu guardo com o maior carinho.

Mônica Francisco

Que coisa linda, que coisa linda! Você falou que o continente africano, a resistência na África do Sul, o pensamento e a luta comunista, a organização da classe trabalhadora, a força e a potência da classe trabalhadora...

Mônica Francisco

Inspiraram você. Isso gerou uma consciência, gerou uma personalidade de luta, de de ativismo, de militância. Dentre todos esses fatores muito Fortes, né?

Mônica Francisco

Desde a notícia que te chamou a atenção, a aula, o grito do seu amigo no fundo da sala. Quem é para você, a grande referência....

Mônica Francisco

A pessoa que te inspirou? Você falou de eventos, né? Você falou da notícia quando você olha para o para os eventos, para as organizações, para movimentação, para organização da luta comunista, a militância, né?

Mônica Francisco

A luta da classe trabalhadora, do proletariado. Mas existe uma figura, existe alguém que você disse assim:

Mônica Francisco

Eu me espelho nessa pessoa, eu quero essa... essa é a minha pessoa de referência.

Marcelo Dias

Minha mãe. Por que minha mãe? Como eu disse, eu comecei a militância muito novo e com

19 anos de idade eu fui secretário geral da associação de moradores da Vila Cruzeiro.

Marcelo Dias

Naquela época, as associações de favela tinha eleição.

Marcelo Dias

Tinha eleição, as chapas se organizavam, é, e quem tivesse mais voto, assumia, não tinha. Esse negócio de você vai ser o presidente, você vai ser a presidenta, como existe muito hoje. Lamentavelmente. Naquela época tinha eleição e eu me aproximei de um coroa, um branco, João Barbosa, eu lá com meus 19/20 anos, ele já com seus...

Marcelo Dias

55 anos e carregando aquela associação sozinho nas costas. Ele e a diretoria dele, mas ele era a figura central. E como eu tinha essa consciência do teatro do grupo de jovens negros de favela e periferia, nós criamos um grupo de jovens negros de favela e periferia.

Marcelo Dias

Era Sandra Belo...

Marcelo Dias

Lá do morro dos cabrito, que hoje está no quilombolê, na Alemanha, era a Joana Angélica da Rocinha, era o Sérgio Cândido do Jacarezinho, era essa turma lá da nova Brasília, o Ziza, Joana era Jurema Batista no Andaraí, era o Toni e a Verinha lá em Mangueiros.

Marcelo Dias

Era uma molecada entre 18 e 22 anos, o zis era o mais velho, tinha seus 28 anos que nós, através do grupo de teatro nós criamos o grupo de jovens negros de favela e periferia. Então essa garotada me deu maior força pra entrar, pra pra associação de moradores e quando tinha as assembleias, as reuniões, quem tava lá?...

Marcelo Dias

Me dando maior apoio? minha mãe. Em 1978, 10 anos do assassinato de Luther King, eu botei os pés pela primeira vez no IPCN que nós fizemos uma peça de teatro em homenagem a Luther King.

Mônica Francisco

Pra quem não sabe o que é o IPCN?

Marcelo Dias

O IPCN é o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras.

Marcelo Dias

Fundado em 1975, a única entidade do movimento negro do estado do Rio de Janeiro e tem

uma sede própria desde 1975, que foi os nossos dirigentes da época que fizeram contato com o pessoal norte americano e comprou essa sede e que no ano que vem nós vamos comemorar 50 anos do IPCN, entidade da qual eu sou diretor.

Marcelo Dias

Pelo segundo mandato, segundo e último, não quero me perpetuar lá. Então eu sempre sonhei em ser diretor do IPCN, porque foi a primeira entidade do movimento negro que eu entrei, em 1978, apresentando essa peça de teatro em plena ditadura militar. E a minha mãe estava lá e minha mãe chegou para o meu irmão mais velho, Marcos, o quinho, 2 anos mais velho do que eu.

Marcelo Dias

Esse garoto é maluco.

Marcelo Dias

Ele vai ser preso?

Marcelo Dias

Olha o que eles estão falando. Quando Mandela teve num Sambódromo e 90, quem estava lá comigo? Minha mãe, minha mãe sempre me acompanhou.

Marcelo Dias

Nós fizemos um movimento na Vila Cruzeiro, não posso deixar de falar desse movimento. Eu falei 2 episódios que marcaram da minha vida na Vila Cruzeiro. Eu falei desse tapa do policial e falei do assassinato dos meus amigos.

Marcelo Dias

Mas são muitos episódios, isso que eu vou falar agora.

Marcelo Dias

Foi algo que... uma Vitória, uma Vitória extraordinária da luta favelada. A Vila Cruzeiro e o parque proletário são as 2 maiores favelas do complexo da Penha. A Vila Cruzeiro é a mais famosa por causa da linha do ônibus 721 Vila Cruzeiro, Cascadura.

Marcelo Dias

Aí todo mundo falava do 7 e 21, tem até a música de samba falando do 7 e 21, Vila Cruzeiro. Então a Vila Cruzeiro ficou muito famosa. Mas a Vila Cruzeiro não é a maior.

Marcelo Dias

A maior é o parque proletário da Penha. Fica a rua 14, a rua 10, a esquina do pecado, lá no alto, e é a mais alta de todas, né? O parque proletário da Penha, onde fica a caixa d'água do complexo, e a Vila Cruzeiro e o parque proletário não tinha luz direta da light.

Marcelo Dias

A chatuba, que é a comunidade mais nova do complexo da Penha, fica lá no Caracol, no grotão mais nova naquela época, porque agora nós temos uma outra comunidade que está se criando lá, é chamada Terra prometida. Mas naquela época a chatuba era mais nova e tinha luz da light. O Caracol tinha luz da light, a caixa d'água tinha luz da light, o sereno, o morro da fé e o parque proletário...

Marcelo Dias

e a Vila Cruzeiro não.

Marcelo Dias

Quem distribuía a luz era uma comissão de luz. Não sei se você já ouviu falar da comissão de luz no Borel também tinha, né? E o dono da comissão de luz era um cara que não morava na favela.

Marcelo Dias

Ele morava lá na Ilha do Governador, numa mansão, o Rubens, o Rubens que não é o sargento Rubens do tapa, era o outro Rubens. E nós nos organizamos. Essa Juventude, com alguns coroas, o João Barbosa... decidimos ir pra lá lutar...

Marcelo Dias

Pela luz da light nas 2 favelas, e nós fomos na light. Aí o pessoal da light falou, olha, mas vocês têm, vocês têm que provar que a comunidade quer isso. Vocês têm que trazer um abaixo assinado e fazer uma assembleia.

Marcelo Dias

Aí foi ali que eu conheci a Vila Cruzeiro e o parque proletário. Cada viela cada beco como a palma da minha mão, porque nós subíamos.

Marcelo Dias

Eu trabalhava no metrô nessa época, 81/80, entrei no metrô em 82, empresa que eu tô lá até hoje. Benedita me deu a honra de ter sido o primeiro negro mecânico de manutenção e funcionário a ser presidente dessa empresa. Depois de mim, eu fui o primeiro e único.

Marcelo Dias

Até hoje todos os presidentes são indicados pelo governador, porque é uma empresa de economia mista.

Marcelo Dias

Todos eles são pessoas de fora da empresa. O único metro viário mecânico, negro, favelado que foi presidente do metrô sou eu. É o maior orgulho.

Marcelo Dias

Um dia eu convido você para ir na estação Siqueira Campos, em Copacabana. Tem 2 saídas, uma pela saída Siqueira Campos e a outra pela Figueiredo Magalhães. Saia pela saída Figueiredo Magalhães e olha o Painei que tem lá.

Marcelo Dias

Tem um Painei imenso.

Marcelo Dias

Em homenagem ao povo negro de Copacabana, que uma arquiteta fazendo um parenteses, tá? Depois eu vou voltar lá. Tem uma arquiteta francesa que me procurou enquanto presidente da empresa com um projeto chamado caminhos dos direitos humanos.

Marcelo Dias

Tudo que a gente luta. Ela falou que esse caminho dos direitos humanos estava no metrô de Rafah, em Israel, em Nova Iorque, em Londres e em 7 cidades.

Marcelo Dias

E ela queria fazer esse Painei. Ela me mostrou o projeto, queria fazer esse Painei na estação que nós iríamos inaugurar no final do ano, a estação Siqueira Campos, que na época era a maior estação do sistema metroviário. Aí eu fiz uma contrapartida para ela, olha, eu topo, eu autorizo com uma condição, ela, qual é?

Marcelo Dias

Eu falei, eu quero retratar a história do povo negro de Copacabana, e o Painei está lá até hoje.

Marcelo Dias

Há 20 anos. Se você ver lá no alto, você vai ver um negro sem camisa, que eu reencontrei há 3 anos atrás. Sabe quem é esse negro?

Marcelo Dias

É uma das maiores lideranças do Vidigal, chamado Ninho do Vidigal, que você deve conhecer, que acabou de ser eleito agora pelo conselho tutelar da zona sul. Embaixo do Ninho, tem uma velhinha dos seus 70/80 anos que criou a sua família em Copacabana.

Marcelo Dias

Vendendo bugigangas e doces ali na praça, né? E um Monte de criancinhas pretas. O Painei tá lá há 20 anos, 2 décadas.

Marcelo Dias

Então voltando pra Vila Cruzeiro, nós subíamos, eu saia do metrô, subia e descia os becos todo dia pegando abaixo assinado, falando da importância da nossa luta.

Marcelo Dias

E marcamos a assembleia para direção da light. Lá na Vila Cruzeiro, nós botamos um caminhão, um senhor emprestou um caminhão. Tem um garoto que até hoje tinha um Monte de caixa de som.

Marcelo Dias

Até hoje ele tem essas caixas de som. Ele bota lá na praça todo domingo, todo sábado e domingo é divulgando lá o mercado, a feirinha e recebe um dinheirinho para fazer esse trabalho, o Jackson.

Marcelo Dias

Ele botou uns umas 3 caixas de som em cima do caminhão e 3 jovens negros foram dirigir a assembleia. Um deles era o Marcelo dias, o outro era o Marcelino Germano, que trabalhou muitos anos com o César Maia, e a outra era Josélia Cândido, que foi gerente da Caixa Econômica Federal e hoje está aposentada. Então lá de cima do caminhão junto com o pessoal da light...

Marcelo Dias

A gente via o pessoal descer a rua 8, aquele Monte de gente descendo da rua 8, o pessoal saindo lá da rua 14, vindo da Vila Cruzeiro, da rua 14, da rua 10, vindo de tudo quanto é lugar. E nós botamos mais de 4000 pessoas na praça. Ninguém acreditou quando viu aquilo.

Marcelo Dias

O primeiro movimento de massa no complexo da Penha.

Marcelo Dias

Foi uma pena, Mônica, que a gente era tão pobre, tão duro, que a gente não tinha um gravador, a gente não tinha uma máquina de filmar, não tinha uma máquina de tirar retrato. Nós não temos isso registrado, está na memória. E o mais bacana que teve uma mulher que eu perdi o contato com ela, que era estudante universitária, e ela fez uma tese sobre esse movimento.

Marcelo Dias

Então, esse movimento está registrado em alguma faculdade aí da vida.

Marcelo Dias

Nossa luta na Vila Cruzeiro foi uma luta muito bacana. Nós o nosso, o nome do nosso movimento era movimento sangue novo... depois dessa e a gente tinha um jornalzinho mimeografado que tinha um cara com com a boca aberta, era o Bocão com a boca no mundo. E nós disputamos a eleição.

Marcelo Dias

A parte mais bacana é dessa história que nós disputamos a eleição do parque proletário, não

da Vila Cruzeiro. E teve 3 chapas.

Marcelo Dias

A chapa amarela, que era a chapa da igreja, que o Lizanner Maciel, que foi candidato governador em 82 pelo PT, ele era evangélico, né? Eu acho que era Metodista. O Lizanner Maciel apoiou junto com a Benedita da Silva, apoiou a chapa amarela, tinha a chapa verde.

Marcelo Dias

Não, eles apoiaram a chapa verde.

Marcelo Dias

Que era do pastor Josué lá da rua A, uma igreja que tem na rua A e teve o apoio do Lizandro Maciel e da Benedita da Silva. Teve a chapa amarela, que era a chapa da pelegada e teve a chapa vermelha, que era nossa. Nós compramos um Monte de colorgente.

Marcelo Dias

A gente pichou os muros do morro todo, chapa vermelha ou nada.

Marcelo Dias

Nós éramos muito, já vieram uma molecada, sabe por quantos votos nós perdemos a eleição? 11 votos. Nós somos a segunda mais votada, perdemos por 11 votos e depois...

Marcelo Dias

Eu fui pro PT, fui pro sindicato de metroviário e abandonamos a luta da associação de moradores, mas participamos do primeiro ou segundo...

Marcelo Dias

Encontro de favelas. organizada pela faferj no sindicato dos metalúrgicos, milhares e milhares de favelado lá, o Cláudio dos Guararapi, o Tiquim lá do Alemão, o esqueci o nome dele, que era do MR 8, presidente da associação de moradores do Jacarezinho.

Monica Francisco

Pensei que era o Zé Evandro Borel, que foi do MR 8.

Marcelo Dias

Devia estar lá.

Marcelo Dias

É seu Cláudio era um branco alto, coroa, lá do do, do Guararape, é, era uma das maiores lideranças, devia ser comunista também. Aquela postura que ele tinha, Irineu, Irineu, do Jacarezinho, que era do MR 8, era presidente, né? O Tiquinho Tiquinho do do da nova Brasília, lá do complexo.

Marcelo Dias

Então eu era jovem, vendo aquelas figuras, pô, organizando a luta.

Marcelo Dias

Dos favelados. Infelizmente a faferj perdeu aquele vigor. E tudo isso na época da ditadura militar.

Marcelo Dias

Tudo isso na época da ditadura militar.

Monica Francisco

Bom, Marcelo, a gente está falando dessa luta comunitária, da disputa na favela, né? De toda essa luta, resistência, buscando condições de vida, né? Dignidade para favela.

Monica Francisco

Mas eu vejo que é essa pauta da violência policial, da violência letal do estado.

Mônica Francisco

Da segurança pública que ainda persiste, né? No confronto, na ostensividade, na violência, principalmente contra a Juventude negra, masculina, né? Os meninos pretos.

Mônica Francisco

A gente tem várias estatísticas no Brasil. Você foi um parlamentar e sabe bem disso, assim como militante.

Mônica Francisco

Quando essa pauta ela, ela atravessa a sua experiência como morador de favela, como menino negro, jovem negro, homem negro, já trabalhador, organizado dentro de um partido político. Eu queria que você falasse um pouquinho, né? Como você chega ao parlamento?

Mônica Francisco

Porque e como é que foi essa consequência, né? Você?

Mônica Francisco

Passando pelo movimento social, organizado, movimento negro, chega ao parlamento e o quanto essa pauta ela encontrou centralidade, porque o seu discurso todo, ele também vai trazendo pra gente elementos, né? Do incômodo com esse processo que ainda existe e é muito forte no Brasil, mas aqui na cidade, no estado do Rio de Janeiro, né? Como é que você chega no parlamento?

Mônica Francisco

E como é que essa pauta atravessa a sua vida, a sua atuação? Você foi alguém que participou de uma audiência no supremo, né? Para discutir é a questão da redução da letalidade

policial.

Mônica Francisco

A própria é articulação para efetivação da ADPF, né? Ação de descumprimento de preceito fundamental 635.

Marcelo Dias

ADPF das favelas.

Mônica Francisco

ADPF, das favelas. Queria que você falasse esse combo.

Marcelo Dias

Nós.

Marcelo Dias

Que somos cria da favela. Convivemos com a violência desde cedo. Hoje é algo é industrial essa violência.

Marcelo Dias

Mas eu disse na, na minha época, na década de 70/80, não tinha fuzil, não tinha as facções organizadas, as matanças que acontece hoje são, são dezenas. Jacarezinho foi 3 dezenas.

Marcelo Dias

Vila Cruzeiro foi 2 dezenas e meia. É, eu me lembro que aqui na em, na Santa Teresa, algum tempo atrás, não muito longe, foram 15 jovens negros assassinado. Então é as pencas, né?

Marcelo Dias

Um genocídio diário aos poucos. Por isso o Brasil é o país que mais mata jovens negros no mundo.

Marcelo Dias

Mata mais jovens negros do que países em guerra. Então tudo isso me marcou. Eu vi os meus amigos serem assassinados.

Marcelo Dias

Quanto enterro eu fui? Eu vi o meu sobrinho afilhado ser enterrado com a cabeça enrolada por um pano branco. A mãe não pode dar um beijo na testa.

Marcelo Dias

Porque ele levou um tiro na testa e explodiu.... arrancou tudo e isso a gente vê todo dia no nosso cotidiano.

Marcelo Dias

Então isso faz com que a gente adquira uma consciência de que ou a gente luta contra esse sistema opressor genocida, ou o extermínio, o genocídio da nossa Juventude, do nosso povo preto, vai continuar.

Marcelo Dias

Antes de eu vim para cá, eu estava vendo lá no grupo lá do movimento popular de favela o que está acontecendo no Jacarezinho. E o Rumba já tinha denunciando que os caras estão lá há 1 mês. Todo dia temos tiroteio, todo dia matando jovens negros.

Marcelo Dias

Então eu aliei a minha luta cultural no teatro, a minha luta dentro do bloco carnavalesco do nosso.

Marcelo Dias

Da nossa comunidade, o rouxinol do grotão da Penha, dentro da da Imperatriz, acompanhando a Folia de Reis do seu Geraldo, a maior Folia de Reis do complexo da Penha, acompanhando a capoeira do mestre Dentinho, do mestre touro. O Mestre touro felizmente tá vivo.

Marcelo Dias

Hoje tem lá na Penha uma estátua do mestre Dentinho, do mestre touro. Então eu aliei a minha luta cultural com essa consciência.

Marcelo Dias

Comunista com essa consciência racial para lutar contra a violência. Eu me lembro que um dia eu estava lá no alto da associação de moradores numa festa e eu vi a polícia arrastando 3 jovens negros. Umas meia-noite eu gritei, larga ele, larga ele, seus assassinos.

Marcelo Dias

Aí os meus colegas me puxaram, está maluco?

Marcelo Dias

Eles vão vir aqui, vai invadir...

Marcelo Dias

Associação mas eu não, não me controlei. Falei aquilo no impulso. É, então eu era um dirigente da associação de moradores em 1990, Na campanha eleitoral, os moradores do complexo da Penha é tinham na sua memória essa luta.

Marcelo Dias

Pela entrada da light, eu era dirigente sindical. Eu estava a 6 anos, a 2 mandato na direção do sindicato dos metroviários. Eu era um dos maiores oradores do sindicato, modéstia à

parte, quando tinha uma greve, quem ia defender a greve, na maioria das vezes Era Eu.

Marcelo Dias

Eu tinha uma retórica muito forte, eu que defendia a greve, eu que defendia ao fim da greve, então.

Marcelo Dias

E eu fui vice presidente da central única dos trabalhadores do estado do Rio de Janeiro. Em 89, eu me elegi no Congresso, vice presidente da central única dos trabalhadores. Então, eu era um líder, um líder comunitário, eu era um líder sindical, eu era um líder do movimento negro.

Marcelo Dias

E a categoria metroviária, naquela época, era super organizada. Hoje ela está privatizada, mas na época ela não era privatizada.

Marcelo Dias

Ela não era privatizada, era super organizada. Tanto é que o presidente da o primeiro presidente da CUT do Rio de Janeiro foi o companheiro Geraldo Cândido, que era presidente do sindicato dos metroviários. Não foi o presidente do maior, da maior categoria, que eram os metalúrgicos ou os professores.

Marcelo Dias

Era um metroviário, que era presidente da central única dos trabalhadores.

Marcelo Dias

Então, a junção dessa luta está num partido que na época era sensação. O PT em 1990 elegeu 10% da assembleia legislativa, elegeu 7 deputados. Depois nós ficamos 2 décadas elegendo 3/4. Agora, na última eleição que voltamos a eleger 7, elegemos 7 e 90, e só agora que voltamos a eleger 7, porque de 90 até agora era 3/4.

Marcelo Dias

Então eu fui um dos eleito.

Marcelo Dias

E essa irmã aqui? Vou contar uma história que você não sabe. Essa irmã, em 1990, foi candidata a deputada estadual.

Marcelo Dias

Eu fui o sétimo mais votado, Ela Foi à oitava. A nossa diferença de voto não foi 200 votos. E Ela Foi lá na minha Posse, me deu um abraço, me deu e teve muita gente ligada ao grupo político dela.

Marcelo Dias

Metroviários que me apoiaram, então Cleonice dias quase que foi deputada comigo. Então, quando eu chego na assembleia eu falei, essa luta tem que continuar. E aí eu fui presidente da comissão de direitos humanos da assembleia legislativa.

Marcelo Dias

Não tinha essa estrutura que tem hoje, mas deu para fazer um trabalho bacana. Eu visitei muitos presídios, tinha uma turma que era do sindicato, do desip, né?

Marcelo Dias

Ademir Dorígo, que morava no Jacarezinho, a esposa dele, que nós perdemos há há um tempo atrás, a Cristina Dorígo, que no último meu segundo mandato foi minha assessora lá do Jacarezinho, uma liderança, o irmão dela, o Serginho, até hoje lá tinha uma Rádio Comunitária. Então esse pessoal me ajudou muito na luta contra a violência policial.

Marcelo Dias

Para você ter uma ideia, Mônica, eu fiquei muito visado. Eu fui ameaçado de morte. Eu fui preso sendo deputado, eu estudava na SUAN e a minha assessora falou para mim, cara, olha só, Marcelo, deputado, olha só, você já reparou que a maioria dos deputados aqui tem curso superior? Você é um dos poucos que não tem, tem que estudar.

Marcelo Dias

E eu fui estudar com 33 anos, que eu terminei o meu segundo grau com 18/19 e nunca mais botei o pé numa sala de aula. Aí minha assessora falou isso, no primeiro mandato eu tinha 33 anos, fui fazer direito, aí fiz direito, me formei em direito e falei, não, eu vou. Aí a minha prisão é muita informação, a gente acaba se perdendo.

Marcelo Dias

Aí em 75/74, no ano da reeleição, me perdoe 94. No ano da reeleição a gente passa de ano. Aí eu, uns 10/11, 12 colegas, estávamos de manhã.

Marcelo Dias

Todo feliz, parando em frente a suan, fomos tomar um chopinho que tinha um barzinho ali do lado do que vinha chopp todo mundo tomar um chopinho e eu o único negro dá turma. Aí passa um fusca e grita, vai trabalhar, seus vagabundos. Aí eu gritei, eu xinguei os cara. Na hora que eu estou xingando, passa um camburão, solta 4 policiais, 2 negros, xingou a gente, falei, está maluco, cara?

Marcelo Dias

Peguei minha carteirinha, sou deputado. Você acha que eu vou xingar vocês? os o cara pegou minha carteira assim, jogou no chão, me pegaram pelas pernas e pelo braço, me jogaram na caçapa do camburão e me levaram para 22 DP ali em Bonsucesso, 22 ou 21.

Marcelo Dias

Quando eu cheguei lá, o delegado me ouviu, eu falei, eu quero agora o telefone. Liguei para assembleia quando eles viram chegar 10/12 deputados, um Monte de deputado... Carlos, Loneida, Lúcia Souto. Aí os cara começaram a chorar.

Marcelo Dias

Aí o comandante do 23º batalhão foi lá no gabinete, o que que o senhor quer que a gente faça com ele? Falei, olha, eles já estão presos administrativamente.

Marcelo Dias

30 dias que o senhor falou, né? Solta esses caras, porque se eles forem expulsos, eu não vou ser deputado a vida toda. A tendência deles aí pro tráfico é ir trabalhar para bicheiro e depois vão me dar um tiro na minha cabeça aí quando eu deixar de ser deputado, então deixa esses caras.

Marcelo Dias

Eles já pagaram o que eles fizeram, já ficaram preso lá, e então os caras não acreditaram que eu era deputado quando como não acreditaram que você era deputada, que você sofreu aquela discriminação.

Marcelo Dias

Que o André Ceciliano me chame e fala. Marcelo organiza aí um curso com os funcionários sobre o que a Mônica Francisco sofreu. E eu organizei no primeiro ano do seu mandato lá, uma palestra sobre racismo, sobre feminicídio, sobre LGBT.

Marcelo Dias

Organizei esse trabalho na assembleia legislativa, pela escola do legislativo, que o André depois me nomeou na escola e eu estou lá até hoje, então.

Marcelo Dias

É, eu apresentei algumas alguns projetos que marcaram meu mandato. O estado do Rio de Janeiro foi o primeiro estado a ter um plano estadual de acompanhamento, aconselhamento as pessoas portadoras de anemia falciforme. Um projeto meu que virou lei, não foi sancionado enquanto eu era deputado.

Marcelo Dias

Mas quando a Benedita vira governadora...

Marcelo Dias

Ela me chama e sanciona essa lei. Lá no, no gabinete dela e a associação dos portadores de anemia falciforme me trataram com assim, poxa, eu era o rei para eles. Perdi o contato com essa turma.

Marcelo Dias

Eles procuraram um Vereador de direita que fez o que OPT nunca fez comigo, me deu uma moção.

Marcelo Dias

Em homenagem a essa lei que eu criei, uma outra lei que me dá muito orgulho, eu fiz questão de divulgar, principalmente para os meus adversários, que foi o feriado estadual de zumbi dos Palmares, fruto da minha autoria. Quem apresentou o projeto foi eu e a deputada Lúcia é de Volta Redonda... Cida Diogo, do PT.

Marcelo Dias

Quando ela reapresenta o projeto... na justificativa, ela fez questão de dizer que estava reeditando um projeto de minha autoria. Tá lá registrado nos análises da assembleia legislativa. E ela aprovou o feriado que quando o Lula sanciona agora o feriado...

Marcelo Dias

eu peço essa história e falo, ó. Estado do Rio foi o primeiro do Brasil a ter um feriado, fruto do projeto do ex deputado Marcelo Dias, aprovado pela deputada Cida Diogo, que foi uma deputada justa. Porque você foi deputada e você sabe que muitos deputados chegam lá, pegam um projeto de um deputado que não se reelegue, reapresenta e não dá o crédito.

Marcelo Dias

E ela fez isso.

Marcelo Dias

O projeto da anemia falciforme, o projeto do feriado e a comissão de combate ao racismo. Foi eu que mudei o regimento interno, criando essa comissão, que eu fui o primeiro presidente, depois a Jurema entrou, foi presidenta.

Marcelo Dias

E até agora nessa gestão, que começou em 2023, a gente nunca mais teve um deputado ou uma deputada negra presidente, que agora é presidida pelo deputado Josemar do PSOL, que fez uma sessão em abril ou maio do ano passado de instalação da comissão e fez algo que eu repito, os petistas nunca fizeram comigo, me convidou para essa audiência.

Marcelo Dias

Me colocou na mesa, me deu a palavra e fez questão de falar que eu tinha sido o primeiro presidente dessa comissão e que ele tinha que fazer honra a quem iniciou esse trabalho. Então são coisas assim que me dá força para continuar a minha caminhada. A minha luta é, eu não paro, não paro.

Marcelo Dias

Como eu volto a dizer, sábado eu estive na Rocinha.

Marcelo Dias

Fui convidado para ir na maré. Vou na maré. Nós iremos a diretoria do ipcn No No Quilombo de jacaré.

Marcelo Dias

O Quilombo de jacaré, para quem não sabe, é um bar do rumba, Gabriel, que é um cara muito perseguido pelas forças de segurança.

Mônica Francisco

Um.

Marcelo Dias

Espaço de resistência nós iremos em Manguinhos.

Marcelo Dias

Eu sou. Para quem não sabe, eu sou da velha guarda da escola de samba de Manguinhos. Já convidaram O IPCN para ir lá?

Marcelo Dias

Então nós vamos rodar essas favelas aí levando essa, essa, esse grito de levante contra o racismo, contra o genocídio do povo negro.

Mônica Francisco

Maravilhoso te ouvir essa memória de luta, essa construção inclusive dentro, né? Do parlamento e mesmo assim com episódios de racismo, enfim.

Mônica Francisco

É muito bom ouvir você a partir da perspectiva de um homem negro nesses lugares de protagonismo também, né? De poder de protagonismo. Mas tem uma coisa que eu quero voltar um pouquinho lá atrás, que você sempre vem fazendo referência nesse seu depoimento, que é a relação com os mais velhos.

Mônica Francisco

Tem uma relação forte com a Juventude, seus amigos, é a luta.

Mônica Francisco

A organizando também com outros jovens, outras jovens no território, fora dele, nas instituições, mas você também sempre fazendo referência, olhando para os mais velhos, né? Seja da associação de moradores da luta comunitária. Como é que é essa relação com a Juventude hoje?

Mônica Francisco

Como é que você olha hoje essa articulação entre gerações?

Mônica Francisco

Na militância, no movimento negro, porque eu vejo isso muito presente. Quem vai assistir, quem tá assistindo, vai perceber essa sua relação, olhando sempre é para quem veio antes, para quem era a referência, para quem tava organizando a luta mesmo na disputa das chapas, né? A segunda chapa mais votada, a chapa vermelha.

Mônica Francisco

Mas mesmo assim, muito respeito a sua fala apresenta isso. Eu queria que você falasse um pouco.

Mônica Francisco

Sobre essa relação intergeracional?

Marcelo Dias

Eu eu bebo desde 15 anos, bebo cervejas, eu não bebo outra bebida desde os 15 anos. E lá No No parque proletário tem um bar do seu Vanderlei, seu Vanderlei já tem 20 anos de morto, mas o bar continua com a filha dele a Vanda. Eu chamava Wanderley de wandelco.

Marcelo Dias

E ele tinha lá aquela caixinha de som que só tocava Jamelão, só tocava Lupicínio Rodrigues. E ficava uma mulherada lá dos seus 45/50 anos, 60 anos, tomando uma cerveja o dia todo. E eu trabalhava no metrô jovem, ganhava meu saláriozinho.

Marcelo Dias

Meu pai chegava para mim e falava assim, eu não quero um centavo teu, quero que você compra o teu barraquinho...

Marcelo Dias

E construa a sua casa. O que eu fiz na rua adegas, eu comprei um barraco, joguei no chão e construí isso. Aí.

Marcelo Dias

Meu pai não me deu um centavo para me ajudar, porque ele não tinha, não deu porque não tinha. E eu pegava aquele meu salário, ia lá para para o bar do Vanderlei, no meio daquela velharada, pagava cerveja para elas, ficava bêbado e elas me adoravam. Eu sempre estive nessa... ouvindo Jamelão, ouvindo Lucília Rodrigues.

Marcelo Dias

E eu gostava muito daquelas mulheres, gostava muito, né? E das coroas também, que estão na associação. Seu João Barbosa era mais de 30 anos mais velho do que eu. No IPCN nós tínhamos Lélia Gonzales, Abdias, então eu sempre me espelhei muito nos mais velhos tenho

esse respeito.

Marcelo Dias

Eu acho que é uma relação muito forte com a África, né, que na África tem muito isso.

Marcelo Dias

Quando um Ancião morre, é uma árvore que é uma biblioteca, uma árvore que foi cortada, uma biblioteca que foi perdida. Nossa, nossa tradição oral, né? Então, e eu não vejo muita deferência da Juventude hoje com mais velhos.

Marcelo Dias

Eu vejo. Eu fico até triste em ver alguns tentando cancelar os mais velhos.

Marcelo Dias

Mas isso não me abala, porque que a principal luta dos revolucionários que A esquerda branca não entende, chama de identitarismo algo que me deixa com raiva, revoltado com bronca dessa esquerda branca, porque a luta contra o extermínio na Juventude negra não tem nada a ver com o identitarismo.

Marcelo Dias

A luta contra o feminicídio da mulher negra, que cresce assustadoramente, enquanto o das mulheres branca caem, não tem nada a ver com o identitarismo. A luta contra o racismo não tem nada a ver com o identitarismo. Isso é a luta revolucionária. não existe.

Marcelo Dias

Eu tenho uma entrevista do jornal do MNU de 1991. Eu entrei para O MNU 93 e 91. Eles foram lá no meu gabinete me entrevistar.

Marcelo Dias

Eu tenho essa.

Marcelo Dias

Essa entrevista registrada que eu falei lá, não há revolução no Brasil sem O protagonismo negro. Eu venho falando isso há 30 anos. Não tem transformação da sociedade sem o protagonismo negro.

Marcelo Dias

E a luta mais importante de nós, negros e negras, da esquerda revolucionária, é lutar contra o extermínio da Juventude negra.

Marcelo Dias

O que que Israel está fazendo? Como Israel quer cancelar os palestinos, matando mulheres para elas não ser mais mães e matando as crianças. 70% dos mortos em Israel é mulheres e

crianças.

Marcelo Dias

O estado sionista sabe o que está fazendo e o estado opressor no Brasil sabe o que faz.

Marcelo Dias

Quando mata em massa a nossa Juventude negra e encarcera a nossa Juventude negra. É um projeto, um projeto de não deixar a gente se reproduzir. É um projeto que deu certo na Argentina.

Marcelo Dias

Aqui ele fracassou porque no início do século passado, eles falaram que dentro de 100 anos, que no início desse século não teria mais negros e negras no Brasil.

Mônica Francisco

Você acha que essa dificuldade de diálogo intergeracional, que você sente, essa relação de deferência, de respeito, é de cumplicidade, de construção conjunta? Isso também pode ser um dificultador para que a luta contra esse projeto avance?

Marcelo Dias

Nós precisamos romper Barreiras, porque não existe luta vitoriosa sem essa garotada.

Marcelo Dias

Pega o exemplo do racionais MCs. Os caras fizeram uma revolução, os caras se recusam, se recusaram durante décadas, a ir na Globo, na grande mídia, e são super conhecidos. Eles vieram há uns 15 anos atrás, num num clube da Penha que eu esqueci o nome...

Marcelo Dias

Olimpo, gente, eu fui, foi esse e o outro, meu irmão, que adora soul. Gente, era muita Juventude, lotado de jovens.

Marcelo Dias

Na minha época Era o black Power, né? O soul, os bares, No No, no Andaraí, no coleginho.

Marcelo Dias

No Vera Cruz eram milhares e milhares de de jovens negros, então não há transformação. Se a gente... o hip hop, olha aí o Emicida, olha aí o Djonga, esse pessoal tá fazendo uma revolução extraordinária, então nós temos que romper essa Barreira. Nós temos que chegar nessa Juventude não para ensinar nada, não temos nada que ensinar, nós temos é muito que aprender com eles.

Marcelo Dias

Muito que aprender agora, porque a gente... o IPCN lá atrás, há 3 anos atrás, nesse projeto

de MNU nas favelas, fui eu que pensei, e essa ideia do IPCN nas favelas que eu estou resgatando? A gente começou pela Rocinha.

Marcelo Dias

Fui eu também que fiz essa proposta. Porque a gente não pode ter entidades negras que fala em nome do povo negro, sem estar dentro das favelas, sem estar dentro dos territórios de maioria negra.

Marcelo Dias

E a outra política? Como chegar naquela garotada que pega o 474 no Jacarezinho, no jacaré, para ir para a zona sul, para a praia...

Marcelo Dias

E que a polícia do estado, com apoio do prefeito da capital, está fazendo uma ação repressora preventiva.

Marcelo Dias

Porque está proibindo a molecada de chegar na zona sul, nas praias da zona sul, como se fosse marginais e não uma garotada preta, favelada, pobre, que quer curtir com a desculpa dos arrastões. A gente já viu isso, essa história em 92, na campanha da Bené contra o César Maia, que eles usaram essa política contra a campanha da Benedita, que foi a mais votada no primeiro turno.

Marcelo Dias

Porque até aquela eleição, as eleições eram só no primeiro turno. Mudou exatamente 92 no ano que a Benedita foi a mais votada no primeiro turno. Seria a primeira e única prefeita negra dessa cidade, que nunca teve um prefeito negro ou negra.

Marcelo Dias

Então, são políticas velhas, com nova roupagem para reprimir a nossa Juventude. E nós temos que chegar para nossa garotada, ó, estamos aqui para travar um diálogo.

Marcelo Dias

Porque vocês têm que pegar o nosso bastão e continuar a luta que nós começamos lá atrás. Apoiando o Mandela, apoiando o Steve Biko, apoiando o mirianbakiba, apoiando Luther King, apoiando essa esse pessoal que deixou um legado para nós e que vocês têm que continuar o nosso legado, apoiar hoje o traori.

Marcelo Dias

Lá em Burkina Faso que está dando continuidade ao Thomas sankara, que fez uma política revolucionária com relação às mulheres burkinense porque Thomas sankara quando assume o poder em Burkina Faso, ele fala, a base da revolução tem que ser as mulheres africanas.

Mônica Francisco

Eu tenho certeza, não só as mulheres africanas, mas Eu Acredito que as mulheres negras...

Mônica Francisco

Em diásporas são essenciais para o processo revolucionário.

Marcelo Dias

Angela Davis está fazendo 80 anos, 50/60 anos de luta, e ela fala muito disso, né? Do encarceramento em massa nos Estados Unidos. É um projeto e é um projeto, é um projeto....

Marcelo Dias

E hoje, quando eu vejo o governo do presidente...

Marcelo Dias

Do meu partido, que eu votei sempre falando na possibilidade do BNDES apoiar a privatização de presídios, me deixa no coração partido. Nós não aceitamos a privatização do presídio, que a privatização do presídio é vender a carne preta, a carne mais barata do mercado, e nós não elegemos ele para isso.

Mônica Francisco

Marcelo, você falou muito bem.

Mônica Francisco

Mas eu queria que você falasse assim, de alguns lugares de memória que vem agora a sua mente. Lugares de memória importante na Vila Cruzeiro, no parque proletário, todo aquele território que você viveu e vive desde sempre, os lugares de memória. Você falou do seu vendeco, do barco, seu vendeco.

Mônica Francisco

Você falou do campo do ordem, você falou é do barranco lá que você fazia?

Marcelo Dias

Da casa, né? Da minha casa.

Mônica Francisco

Você falou, né? Da escola de samba do bloco que que vem assim, dos lugares de memória que marcaram pode ser memória muito boa.

Mônica Francisco

Como a grande assembleia, com mais de 4000 pessoas. Os lugares de dor também o tapa nos meninos, na cara, me fala aí, lugares de memória. Galera Namorava, era aquele beco especial.

Marcelo Dias

O complexo da Penha, ele foi construído numa Serra, né?

Marcelo Dias

Terra da misericórdia. E ali tinha muita Cachoeira. Não só Cachoeira, como tinha as Piscinas Naturais.

Marcelo Dias

E eu brinquei muito naquelas Piscinas Naturais, já peguei peixes nas Piscinas Naturais, isso com 8910 anos. Coquinho de catarro. Não sei se as pessoas sabem o que que é coquinho de catarro.

Marcelo Dias

Uma delícia. E o parque Ary Barroso tinha também uma piscina natural, então era lindo, era lindo. A favela não é o que é hoje, né?

Marcelo Dias

Que todo morro foi tomado pelos barracos, hoje, casas de alvenaria, a maioria sem embolso, sem pintura. Não culpa do dos moradores, mas...

Marcelo Dias

dos governantes dos 3 poderes do governo federal, do governo estadual e da prefeitura, que falharam com o nosso povo e não ter uma política habitacional que preservasse essa natureza. O progresso chegou nesses lugares. Progresso entre aspas, porque lá no parque proletário, lá atrás...

Marcelo Dias

Chegou uma empresa Cantareira que dinamitou todas aquelas pedras para fazer o cimento para fazer pegar os paralelepípedo e acabou com a água natural, não só dinamitava as rochas, criando...

Marcelo Dias

Várias rachaduras nas casas se você for lá, vai ver as casas cheia de rachadura em em razão da da Dinamite que eles usaram, mas acabou com a com com as nossas cachoeiras naturais e quando acaba com a Cachoeira, com a fonte da água lá naquela região eternizada

Marcelo Dias

E vista pelo mundo todo quando o exército invade a Vila Cruzeiro. Parque proletário. Eu vou falar um pouco disso...

Marcelo Dias

Daqui a pouco faz com que a fonte seque no parque Ary Barroso, parque Ary Barroso, que

era um espaço que a garotada ia tomar banho na Cachoeira parque Ary Barroso, que hoje é por irresponsabilidade.

Marcelo Dias

Do governo estadual te, grande parte desse parque ocupado pela polícia militar, tem lá a UPA, a UPA a gente dá um desconto. Tem vários lugares para fazer a UPA, fizeram dentro do parque Ary Barroso, mas a UPA é saúde com o nosso povo, tem vários espaços que poderiam botar a UPA. Botaram dentro do parque Ary Barroso, a gente dá um desconto.

Marcelo Dias

Mas não tem sentido ter lá dezenas e dezenas de viatura dentro do nosso parque, centenas e centenas de policiais dentro do nosso parque, que tire esse pessoal e coloque em outro lugar. Tem muitas fábricas abandonadas, espaços vazios em torno de toda a Avenida Brasil. A gente sempre fala isso.

Marcelo Dias

Porque não nos apropriar esses galpões aí, criar casas populares?

Marcelo Dias

Então eu, a melhor memória foi na Cachoeira, tinha uma mulher negra, uma negona lá na favela, casada com um branco que tinha uma filha, mexia, sabe? Uma negra da pele clara, muito bonita, que ela tinha bronquite. Eu esqueci o nome dessa família e um dia ela virou para mim:

Marcelo Dias

Marcelo vai lá na Cachoeira e pega uns Cascudo para mim.

Marcelo Dias

Para mim, fazer um chá para cuidar a bronquite da minha filha.

Mônica Francisco

Incrível. Eu digo que o nosso SUS era a nossa vegetação, era o nosso Mato. Como é que era a saúde?

Mônica Francisco

Você falou isso agora me veio, né? Como é que era cuidar da saúde na favela?

Marcelo Dias

Tinha muita. Muita preta velha que cuidava da gente, né?

Marcelo Dias

Muitas que cuidavam. Era muito chá? Era, era.

Marcelo Dias

As parteiras, né, as parteiras que hoje chamam de doula, né, mas tinha aquelas coroas que faziam o parto. Eu nasci no hospital, mas muito amigo meu e amigas nasceram em casa, então era uma vida comum, era uma vida africana, né? Comunitária comum. Quando o nossos pais iam trabalhar, os vizinhos tomavam conta das crianças, né?

Marcelo Dias

Era uma relação muito bacana, muito bonita.

Marcelo Dias

Então isso foi destruído, isso foi essa, essa, essa vida comunitária foi destruída. A miséria tinha, tinha, o pessoal era pobre, pobre, mas não eram miseráveis, né? Então a miséria hoje faz com que as pessoas ficam individualizadas, né?

Marcelo Dias

Na sua relação e que eu posso falar um pouco da invasão.

Marcelo Dias

Você sabe que eu bati Palma para Globo, a Globo que eu sempre critiquei. A Globo, que faz uma campanha, fez uma campanha terrorista contra a primeira mulher eleita presidenta da República. Não sei quanto, quantas décadas ou se vai ter mais um século para a gente eleger uma outra mulher.

Marcelo Dias

A Globo que fez uma campanha terrorista contra a Dilma.

Marcelo Dias

Ela salvou a vida de centenas e centenas de jovens negros. E por que eu falo isso quando o exército invade a Vila Cruzeiro e a gente vê aquela cena de centenas de jovens saindo do parque proletário, tentando atravessar a Fronteira para chegar em auma, ir lá para o complexo do alemão.

Marcelo Dias

O helicóptero da Globo estava filmando tudo e o helicóptero da polícia também estava ali. Estava ali para metralhar aqueles jovens. Se não fosse o helicóptero da Globo, centenas e centenas de jovens, a maioria negra, teriam sido metralhadas.

Marcelo Dias

E teve muitos Mônica.

Marcelo Dias

Nessa época tinha um um lugar chamado Vacaria, que hoje não, não existe mais, que tinham centenas e centenas de porcos. Muitos jovens que foram mortos foram jogados lá para ser

comidos pelos porcos.

Marcelo Dias

Então a Globo salvou muitos jovens negros. É a política do extermínio.

Marcelo Dias

São jovens, negros, favelados, pobres, são marginais. Por isso eu nunca fumei maconha. Eu não tenho nada contra maconha.

Marcelo Dias

Eu acho o cheiro da maconha muito gostoso, muito gostoso. Se a maconha fosse legalizada, talvez eu se fosse o maconheiro. Mas sabe porque que eu nunca fumei maconha?

Marcelo Dias

Porque eu tenho uma consciência crítica desde jovem.

Marcelo Dias

E eu sempre soube que o viciado na maconha é considerado pelo estado como um criminoso. A gente vê aí um Monte de cachaceiro, um Monte de gente que bebe, chega em casa, espanca a mulher, espanca o filho, pega o carro, atropela, mata, mas o álcool...

Marcelo Dias

A cerveja que eu bebo quase todos dias é uma droga legalizada. E a maconha, como não é a marijuana, como não é legalizada, serve de alibi para eles reprimir a Juventude negra. Para matar a Juventude negra, pega um garoto com uma guimbinha de cigarro, vão lá, dá tapa na cara, mete fuzil na cara de um garoto.

Marcelo Dias

Quando o outro é pego, 1 kg de cocaína na zona sul, nada acontece.

Marcelo Dias

Então, essa história de vida que eu conheço na prática me faz não abandonar a luta, me faz ter consciência de que a principal luta do movimento negro hoje nós temos várias lutas. A luta contra o racismo religioso, que cresceu 1700%

Marcelo Dias

A luta contra o feminicídio das mulheres negras, a luta contra a fome, a luta contra o prefeito dessa cidade que quer internar compulsoriamente a nossa população negra de rua, a luta contra esse prefeito e esse governador que faz uma política repressiva, preventiva contra a nossa Juventude. Mas a principal, a Bandeira principal, é lutar contra o extermínio da Juventude negra.

Marcelo Dias

E levar educação e cultura para essa molecada, para que essa molecada seja um engenheiro, como foi o Marco dias, um advogado, um psicólogo, uma professora universitária, um oficial da polícia, um oficial do bombeiro. Então nós temos que levar essa discussão para essa garotada. Olha o cara, se você não estudar.

Marcelo Dias

Você vai chegar aos 63/65 anos como aposentadoria de no máximo 2 salário mínimo. Você vai ter que voltar a trabalhar, porque 2 salário mínimo dá para você sobreviver nesse país. Então é isso.

Marcelo Dias

A nossa luta é lutar pela nossa garotada.

Mônica Francisco

Marcelo, o que é a favela hoje?

Marcelo Dias

Favela hoje é um território onde...

Marcelo Dias

O poder público se recusa a entrar, onde o poder público só entra com a repressão. Hoje acaba de ser publicado um decreto do prefeito acabando com a feira de acari. Ah, a feira de acari é tudo material contrabandeado, material do tráfico, material disso e daquilo.

Marcelo Dias

Ué.

Marcelo Dias

Esse estado não tem polícia civil, polícia militar, polícia investigativa, não tem inteligência para saber da onde vem o produto que está sendo vendido, não tem fiscalização? Quer dizer que toda aquela população que está ali são marginais, não são trabalhadores que estão sobrevivendo?

Marcelo Dias

A solução é acabar com a feira de Acari? Não é cadastrar aquele pessoal, criar, organizar, colocar box lá bonitinho? Então é isso.

Marcelo Dias

Essa é a política da nossa elite. É chegar com repressão e não chegar com organização, com urbanização.

Marcelo Dias

Com posto de saúde, com creche, com cultura, teatro. Olha o que tá acontecendo hoje na

favela do Jacarezinho. Cadê o projeto aí desse governador que falou que ia fazer...

Marcelo Dias

Como é que é o nome? Cidade integrada no Jacarezinho, lá no Muzenza, Balela. Um demagogo não tem nada.

Marcelo Dias

Vá lá no Jacarezinho.

Marcelo Dias

Passa lá na beira do Rio para você ver, que tristeza que é, aonde o povo negro mora com aquela aquela aquele terreno imenso da GE que dá para fazer um campo, dá para fazer uma UPA, dá para fazer. É um grupo de teatro, uma lona cultural e ainda sobra espaço para fazer casas populares, para tirar as pessoas da beira do Rio.

Marcelo Dias

E realocar no seu território, né? Tirar da beira do Rio e mandar pra nova Cepetiva lá em Santa Cruz? Não, não.

Marcelo Dias

Então é. As favelas cresceram. A Cantareira foi responsável por acabar com a com a nossa fonte de água, mas os barracos também derrubaram as nossas árvores por causa de uma política habitacional.

Marcelo Dias

Então a favela são territórios abandonado....

Marcelo Dias

Pela elite, pelo poder público, são territórios de violência para estatal e estatal.

Mônica Francisco

É, Marcelo está caminhando para o final... muito forte essa fala, assim deixa a gente bem reflexivo e sei quem está assistindo também.

Mônica Francisco

Com certeza está muito impactado com a sua entrevista. É? A gente vai pensar bastante sobre ela por um bom tempo.

Mônica Francisco

Qual é o seu sonho pra favela?

Marcelo Dias

Um dia eu tive a honra de ser superintendente estadual de promoção da igualdade racial do

estado do Rio numa Secretaria dirigida pelo PT.

Marcelo Dias

A Secretaria de direitos humanos e assistente social, que teve a primeira secretária Benedita, depois o Rodrigo Neves, que foi prefeito de Niterói, e depois o Zaqueão Teixeira, o Rodrigo Neves que me nomeou e eu construí com a minha equipe. O plano estadual de promoção da igualdade racial está aprovado. Virou lei.

Marcelo Dias

Onde prevê a criação de uma Subsecretaria de promoção da igualdade racial? É claro que nós não vamos pedir O governo Bolsonaro para criar essa Secretaria. Mas um dia o Psol o PT, o PDT, A esquerda ganha.

Marcelo Dias

A gente vai cobrar a criação dessa Subsecretaria que vamos colocar na mão de uma mulher negra como Mônica Francisco e qualquer uma outra mulher negra para estar na frente.

Marcelo Dias

E aí eu tava num desses seminário, eu falei, gente, eu conheço a turma de parada de Lucas e vigário geral. Eu conheço a guerra entre parada de Lucas e vigário geral. Eu já tenho 63 anos.

Marcelo Dias

Eu conheci, não pessoalmente, mas ouvi falar muito do Robertinho de Lucas na guerra dele eterna, contra o pessoal de vigário geral. E eu falava.

Marcelo Dias

Poxa, cara, se eu fosse prefeito dessa cidade, olha que loucura. Se eu fosse prefeito dessa cidade, eu ia fazer um projeto para transformar Lucas e vigário geral num bairro só, num bairro popular. Nós íamos acabar com essa Fronteira.

Marcelo Dias

Na Fronteira, a gente ia fazer um campo de futebol, a gente ia fazer uma Quadra de basquete, uma Quadra de vôlei. Nós íamos fazer ali, nós íamos derrubar os barracos.

Marcelo Dias

Íamos fazer casas como pessoal de Xangri-lá que esse eu vi pessoalmente, com meus olhos Xangri-lá era uma turma ligada ao Vladimir Palmeiras, na turma do PT, lá do Jardim boyuna, em Jacarepaguá, que pegaram um terreno, ocuparam um terreno e fizeram casas populares de 2 andar. E a gente uma vez até entregou pro pro.

Marcelo Dias

Não sei se foi Frei Beto foi para um dirigente aí do governo Lula esse projeto que se

tivessem abraçado aquele projeto lá da comunidade de Xangri-lá o minha casa, minha vida, que é um projeto importante, mas não teria tido tanto problemas como teve em fazer o minha casa minha vida em áreas longe do centro, áreas sem saneamento, não é só da casa...

Marcelo Dias

Para o povo. Mas você tem que botar o povo morando em locais que tenha transporte público, que tenha metrô, que tenha trem. Então o meu sonho é transformar as favelas em bairros populares, né?

Marcelo Dias

E é possível. Eu estive na Rocinha sábado agora e o Shaolin me chamou e me mostrou uma praça. E do lado da praça, vários conjuntos.

Marcelo Dias

De 3/4 andar no máximo. E ele falou, Marcelo, aqui era a parte da favela que mais tinha tuberculose, porque desse beco que nós saímos onde as casas se encontram. Mônica, lá no alto não entra um raio de luz, não entra um raio de luz.

Marcelo Dias

E o pessoal fica ali o tempo todo, porque não tem campo, não tem Quadra, não tem área de lazer.

Marcelo Dias

Então nós temos que... eu fui em Manguinhos com Léo Bueno, que trabalha aqui na Fiocruz, na ação social da Fiocruz em Manguinhos, e comecei a andar no beco com Léo e eu senti que eu estava passando mal porque eu não entrava a luz no beco. Eu estava sentindo falta de ar, quando nós saímos eu senti aquele Alívio.

Marcelo Dias

Não tava acostumado com essa, com essa falta, né? Da luz solar, não tem árvore, não venta, então a gente precisa abrir os becos, vai tirar algumas pessoas, vai tirar, mas vai alocar no mesmo território. Nós precisamos é, eu li uma vez, Mônica, pra não tomar muito seu tempo.

Marcelo Dias

Uma história de um bairro popular na Grécia.

Mônica Francisco

O tempo é seu.

Marcelo Dias

Um bairro popular na Grécia. E são becos, becos e vielas tão Estreito como das nossas favelas. Mas qual é a diferença?

Marcelo Dias

Tudo com saneamento, as casas todas Pintadas, lindas, porque o governo não tem um projeto, não. Aquele cimento social do Crivella, aquele engodo.

Marcelo Dias

Mas porque não ter um projeto de embolsar todas as casas das favelas e depois pintar de verde, amarelo, de rosa, de azul, fazer um negócio bonito, que o favelado olha assim, pô, a minha favela é bonita. É um sonho, né? É um sonho que eu tô sonhando.

Mônica Francisco

Vamos sonhar junto agora para finalizar, é qual é o sonho do Marcelo dias para o Marcelo dias?

Marcelo Dias

Eu tenho sonho de ver muitas mulheres negras no mandato parlamentar na Câmara, na assembleia, na Câmara federal, no Senado, no Senado e quando eu me remeto a 98.

Marcelo Dias

Eu não posso deixar de falar da Benedita, eleita para o Senado com mais de 2000000 de votos, 2000000 de votos e teu projeto de ficar 8 anos no Senado, abortado pela aquela política horrível de 98 que a colocou como vice governadora de um governador que durante 3 anos e 4 meses tratou ela como uma rainha de Sabá.

Marcelo Dias

Uma peça decorativa no governo garotinho e é isso que me revolta. Eu perdi o mandato por causa do PT apoiar esse cara que toma Posse no dia primeiro e 3 depois lança a seguinte Pérola, que está gravada até a minha morte, O PT O partido que deu a vice negra para ele, que abriu mão de 4 anos do mandato de senadora.

Marcelo Dias

O PT é o partido da boquinha. Dorme com um barulho desse. Então eu estive com o Josemar um dia desse lá em São Pedro, deputado Josemar do PSOL de São Gonçalo, e ele estava falando lá.... não, eu vou lutar pela minha reeleição.

Marcelo Dias

Talvez o meu projeto fique 3/4 mandatos. Eu interrompi.

Marcelo Dias

Tu não vai ter 3/4 mandato não, porque o projeto que você tem que construir é você ser prefeito de São Gonçalo, a cidade mais negra do estado do Rio de Janeiro, uma das mais pobres. Esse é o projeto que nós temos que construir. Josemar o que é isso?

Marcelo Dias

Ficar no parlamento a vida toda. Nós temos que disputar o poder executivo.

Marcelo Dias

Nós temos que disputar o poder executivo. Nós temos que levar Renata Souza a prefeitura do Rio. Nós temos que levar Mônica Francisco e a prefeitura do Rio, já que a nossa querida Bené hoje perdeu a oportunidade, não Por Ela, pela Aliança da branquitude racista que impediu a sua caminhada em 92, que seria muito importante.

Marcelo Dias

Não para o povo negro, mas para o povo carioca como um todo. Tem uma mulher como Benedita, prefeita da cidade do Rio de Janeiro ou governadora. Quanto isso seria importante?

Marcelo Dias

Voltando a falar na Juventude, a nossas meninas negra vê uma prefeita, negra vê uma governadora negra, uma senadora negra. O quanto isso não é importante para o nosso consciente, para nossa autoestima?

Marcelo Dias

Enfim, eu, eu sou um soldado hoje. Sempre fui um soldado da organização autônoma, independente do movimento negro, do movimento sindical. Fui sindicalista.

Marcelo Dias

Tenho divergências profundas com o que eu vejo hoje no movimento sindical, um movimento domesticado, um movimento que vive...

Marcelo Dias

Do imposto sindical, que lá atrás lutou tanto pelo imposto sindical e hoje quer que o imposto sindical retorne e não aquele movimento sindical, é que pregava que o sindicato tem que ser bancado pela consciência do trabalhador. Eu sonho ainda construir um partido revolucionário nesse país. O PT abriu mão.

Mônica Francisco

Esse é o sonho do Marcelo dias para o Marcelo dias.

Marcelo Dias

Eu quero ser um soldado da revolução. Eu não quero chegar aos 70 anos e ir para minha casa lá em Casimiro de Abreu e me aposentar. Poxa, o Abdias lutou até os 90 e pancadas de anos, o Brizola lutou até morrer, o prestes lutou até morrer.

Marcelo Dias

Benedita tá aí com mais 3 anos de mandato, vai tá com 84. Quando terminar esse mandato, não para de lutar.

Marcelo Dias

Então também não vou parar de lutar. Não, não vou parar de lutar. Isso é o que eu espero.

Mônica Francisco

Marcelo, muito obrigada pela aula que você deu para nós hoje. Pela força, pela resistência, pela resiliência, pelo sorriso, pela leveza, pela Alegria de viver e de lutar. Muito obrigada, obrigada.

SPK\_2

Demais, demais.